

Terapia ocupacional, dança e expressividade: favorecendo espaços de encontro para adolescentes abrigado

Occupational therapy, dance and expressivity: favoring encounter spaces for adolescents covered

DOI:10.34119/bjhrv4n1-200

Recebimento dos originais: 21/01/2021

Aceitação para publicação: 05/02/2021

Heloisa Maria Bento Costa

Terapeuta ocupacional UFS

Endereço: Rua Miron de Oliveira Ribeiro 245 Bairro Santo Antonio, Aracaju –SE

E-mail: heloisambcosta@gmail.com

This Souza Santos

Terapeuta ocupacional UFS

Endereço: Rua Joao Vieira 50, Itaipara, Salvador –BA

E-mail: this.souza.ts98@gmail.com

Raphaela Schiassi Hernandes

Professora UFS

Endereço: Rua estrada da luzia 920, Bairro Luzia cidade, Aracaju –SE

E-mail : rapha_to@hotmail.com

Halley Ferraro Oliveira

Professor adjunto UFS e UNIT

Endereço: Praça Pedro Manoel Garcia Moreno 170/1201, Grageru, Aracaju-SE

E-mail: halleyoliveira62@gmail.com

Maria Adriely Cunha Lima

Graduanda de medicina UNIT

Endereço: Praça Pedro Manoel Garcia Moreno 170/1201, Grageru, Aracaju-SE

E-mail : mariaadrielycunha@hotmail.com

Tiago Almeida Costa

Graduando medicina UNIT

Endereço: Praça Pedro Manoel Garcia Moreno 170/1201, Grageru, Aracaju-SE

E-mail: tialmeidac@gmail.com

RESUMO

Introdução: As atividades expressivas, como dança e pintura, são recurso potenciais utilizados pelo terapeuta ocupacional para alcançar objetivos diversos, transformando as expressões do sujeito e reorganizando o sentido de sua existência. Objetivo: Descrever e

discutir a intervenção do terapeuta ocupacional utilizando a dança e a pintura como recurso terapêutico, no contexto da institucionalização com grupos de adolescentes. Além de avaliar a possível melhora da autoestima e expressão dos adolescentes em situação de abrigo após os grupos de terapia ocupacional e descrever o significado dos grupos de terapia ocupacional para eles. Métodos: trata-se de uma pesquisa qualitativa, descritiva. A coleta dos dados foi realizada por meio de dez encontros, na qual utilizou-se da dança e atividades com pintura, por um período de três meses. Participaram da pesquisa seis sujeitos (três do sexo masculino e três do sexo feminino). Resultados: Foi possível observar uma mudança no comportamento dos participantes pois, nos primeiros encontros sentiam-se inibidos e ao longo das atividades conseguiram se expressar melhor por meio da dança e das pinturas. Assim, foi visto que é de grande importância possibilitar ao sujeito em situação de abrigo a expressão dos seus sentimentos, pois, muitas vezes sua expressão e autoestima são prejudicadas por todo o processo que o sujeito vivenciou e continua vivenciando. Conclusão: O terapeuta ocupacional com seu olhar humanista, consegue contribuir para que os sujeitos se expressem melhor, trazendo seus desejos e medos, e facilitando as relações interpessoais entre os adolescentes através das atividades expressivas.

Palavras-chave: Acolhimento institucional, Dança, Pintura e Terapia Ocupacional.

ABSTRACT

Introduction: Expressive activities, such as dance and painting, are potential resources used by the occupational therapist to achieve different goals, transforming the subject's expressions and reorganizing the meaning of his existence. Objective: To describe and discuss the intervention of the occupational therapist using dance and painting as a therapeutic resource, in the context of institutionalization with groups of adolescents. In addition to assessing the possible improvement in self-esteem and expression of adolescents in a shelter situation after occupational therapy groups and describing the meaning of occupational therapy groups for them. Methods: this is a qualitative, descriptive research. Data collection was carried out through ten meetings, in which dance and painting activities were used, over a period of three months. Six subjects participated in the research (three males and three females). Results: It was possible to observe a change in the behavior of the participants because, in the first meetings they felt inhibited and throughout the activities they managed to express themselves better through dance and paintings. Thus, it was seen that it is of great importance to enable the subject in a sheltered situation to express his feelings, because, many times, his expression and self-esteem are impaired by the whole process that the subject experienced and continues to experience. Conclusion: The occupational therapist with his humanistic look, manages to contribute for the subjects to express themselves better, bringing their desires and fears, and facilitating interpersonal relationships among adolescents through expressive activities.

Keywords: Institutional care, Dance, Painting and Occupational Therapy

1 INTRODUÇÃO

A família é o primeiro e o principal meio de socialização do ser humano, nela aprende-se princípios, os quais desde a infância são fundamentais para um bom convívio em sociedade. Ferreira (2014, p. 143) aponta que: “o ambiente familiar está entre os principais fatores para o desenvolvimento de atividades cognitivas e não cognitivas da criança. Assim, crianças que crescem em ambientes saudáveis tendem a ter um desenvolvimento pleno das suas capacidades”. Logo, quando há interferências na relação familiar, o desenvolvimento deste indivíduo não acontece de forma absoluta causando dificuldades e prejuízos no futuro.

Experiências hostis podem acarretar um desenvolvimento atípico oriundo de dificuldades no desenvolvimento físico, emocional e cognitivo, que podem durar toda vida, prejudicando-o na capacidade de realização e na produtividade (CAVALCANTE; MAGALHÃES; REIS, 2014). Isto se dá pelo fato de que a criança na primeira infância está mais receptiva aos estímulos, já que ela se encontra no momento de formação de conhecimentos sobre o ambiente a sua volta. Vários fatores podem interferir na relação familiar e concomitantemente no desenvolvimento da criança, como problemas de disciplina e abusos físicos e sexuais (FERREIRA, 2014), causando sua evasão do seu ambiente familiar.

A partir da década de 80, a violência e os maus tratos contra as crianças e adolescentes passaram a receber mais atenção. De acordo com Brito et al. (2005), nesta década começou a surgir os primeiros programas específicos para atendimento desta problemática, previsto no artigo 87, inciso III, lei 8.069/90 – Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA): “Nenhuma criança ou adolescente será objeto de qualquer forma de negligencia, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão, punido na forma da lei qualquer atentado, por ação ou omissão, aos seus direitos fundamentais”. Assim, quando um desses direitos é violado, por um ou mais fatores a criança ou o adolescente, podem ser institucionalizados.

Os prejuízos com a institucionalização estão muito relacionados com o tempo que os indivíduos se mantem institucionalizados, pois se o período for muito grande pode ocasionar uma ruptura definitiva dos vínculos familiares. Decorrente desse processo de ruptura de seu vínculo primário, a criança e o adolescente em situação de abrigo passarão por um processo de readaptação ao ambiente, as pessoas e aos funcionários que estão na

instituição. O abrigo terá papel importante fazendo parte da rede de apoio social e afetivo para esta pessoa advinda de um ambiente familiar não favorável (CAVALCANTI; MAGALHÃES; PONTES, 2007).

Os sentimentos de exclusão frutos da perda do convívio familiar e afetivo podem perdurar por longo tempo, sendo que todo abandono condiciona sentimentos de agressividade, angústia e autodesvalorização (SAAD; VILLAREAL, 1991). A situação de abandono pode acontecer antes mesmo da separação física, já que o abandono afetivo geralmente antecede o físico, o qual pode ser considerado como incapacidade de os cuidadores proteger, supervisionar e suprir as necessidades dos filhos (NOAL; NEIVA-SILVA, 2007).

Para Galheigo (2003, p. 86), os abrigos devem ser espaços de acolhimento e cuidado que substitua a família, de promoção e reconstrução de laços afetivos e que proporcione qualidade de vida. Eles assumem um papel central na vida desses indivíduos, por isso é necessário investir neles, de forma a transformar as concepções socialmente estabelecidas, permitindo uma possível melhora nas suas diferentes dificuldades e ausências. De acordo com Yunes et al. (2004) a institucionalização pode ou não se constituir risco para o desenvolvimento, isso vai depender muito da interferência com a sua história pregressa.

A questão central é como fazer desse espaço, um real local de morada, em que crianças e adolescentes possam viver protegidos, com oportunidades de desenvolvimento pleno e com direito à autonomia e à participação social até que retornem às suas famílias de origem ou sejam encaminhadas para famílias substitutas, provisórias ou definitivas (LUVIZARO; GALHEIGO, 2011).

Neste contexto, a terapia ocupacional pode atuar de forma favorável mesmo deparando-se com situações desafiadoras, já que a experiência e a participação neste ambiente ainda são restritas. A ação do terapeuta ocupacional dependerá da proposta de organização da instituição e da equipe multiprofissional atuante, podendo realizar ações territoriais, familiares, institucionais, grupais e individuais. Segundo Galheigo (2003, p. 92) a terapia ocupacional em instituições infanto-juvenil deve incentivar iniciativas com “trabalhos grupais que venham a trabalhar o fortalecimento dos vínculos ou facilitar a dinâmica operativa do cotidiano institucional”.

A terapia ocupacional pode incorporar em seus estudos a subjetividade, ou seja, os modos de pensar, agir e sentir, conseguindo assumir as diferentes formas de organização do sujeito, as atividades, o estabelecimento de vínculos e pontes com família, com a comunidade e outras dimensões. Para Liberman (1998) a terapia ocupacional tem como instrumento de sua atuação a atividade, que é realizada por meio da comunicação não-verbal, como trabalhos manuais e outros trabalhos corporais (teatro, dança). Dessa maneira, pode utilizar a dança como instrumento em seus atendimentos.

De acordo com Liberato e Dimenstein (2009 apud MOLEHLECKE, 2005, p. 167) a dança “é a superação do próprio corpo, visto que este se desprende de uma identidade e experimenta novos contornos, acoplamentos e fluxos de energia”. Portanto, no contexto de institucionalização, ela pode ser usada pela terapia ocupacional para proporcionar melhora na autoestima e expressão, já que esta pode possibilitar novas descobertas sobre si mesmo, mostrando potencialidades, dificuldades e meios para supera-las. Além disso, a dança propicia uma melhor interação social, fortalecendo vínculos que podem trazer benefícios para o emocional dos institucionalizados.

Apesar de inúmeras pesquisas falando das diferentes e das imensas características positivas da dança, ainda permeia na sociedade, segundo Marques (2003), certo receio do trabalho realizado com o corpo, que é tido apenas como recreação, vaidade ou modismo. De acordo com Negrine (2002) práticas corporais não são vistas como fator de desenvolvimento e aprendizagem, e não são consideradas como meio de saúde no sentido amplo do termo. Mas, é possível entender que a interação do homem com o mundo ocorre através do seu corpo em movimento, podendo ser manifestado por meio da dança. Esta pesquisa surge com o objetivo de descrever e de discutir a intervenção do terapeuta ocupacional utilizando a dança e a pintura como recurso terapêutico, no contexto da institucionalização com grupos de adolescentes. Além de avaliar a possível melhora da autoestima e expressão após os grupos de terapia ocupacional e descrever o significado desses grupos para os adolescentes.

2 METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa qualitativa de caráter descritivo realizada em um abrigo para crianças e adolescentes, localizado no interior do Estado de Sergipe. Nos encontros aconteceram atividades de dança e de pintura. A pesquisa qualitativa envolve trabalhar os significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, de forma a se aprofundar

nas relações, dos processos e fenômenos os quais não devem ser reduzidos (MINAYO, 1992).

O abrigo tem sua própria sede que fica localizada num bairro próximo ao centro da cidade. A instituição acolheu quatro crianças, dois do sexo masculino e dois do sexo feminino e seis adolescentes, três do sexo masculino e três do sexo feminino. Ela tem capacidade de acolher até 20 e o fluxo é dinâmico, já que o objetivo é que este sujeito retorne ao ambiente familiar, seja aquela família de laços consanguíneos ou não.

Participaram da pesquisa um total de seis adolescentes, sendo três do sexo masculino e três do sexo feminino. O critério de inclusão foi que estes adolescentes residissem no abrigo e tivessem idade entre 12 a 18 anos. A participação no grupo acontecia de forma espontânea, caracterizando-se como um grupo aberto. O grupo iniciou com 5 participantes (três do sexo masculino e dois do sexo feminino), a partir do terceiro encontro uma adolescente se inseriu no grupo, entretanto, participou apenas de mais dois encontros. No décimo encontro, onde apresentou-se as coreografias somente os cinco adolescentes (três do sexo masculino dois 2 do sexo feminino) os mesmos que iniciaram o grupo se apresentaram.

A principal questão ética dessa pesquisa refere-se à garantia de anonimato dos entrevistados, sendo compromisso assumido pelos pesquisadores. A pesquisa foi autorizada pelo Comitê de Ética e Pesquisa (CEP) com o número de aprovação CAAE: 2.383.126. Sendo que a coleta de dados só foi iniciada após aceite da coordenação do abrigo e aprovação do CEP. Inicialmente, houve um encontro com a coordenadora sobre os autos dos processos de cada participante, além da assinatura dos Termos de Consentimento Livre e Esclarecido. Também, foram realizados encontros de terapia ocupacional utilizando de grupos com dança e pinturas em papel com tintas realizadas ao final de cada encontro.

Foram realizados 10 encontros, sendo que no décimo encontro ocorreu a apresentação das coreografias ensaiadas. Estes grupos aconteceram durante os meses de setembro a novembro de 2017, semanalmente com duração de 2 horas. Os materiais utilizados na dança foram som, fitas de seda, sapatilhas para dança e roupas para dança. Para a pintura os materiais utilizados foram tinta, pinceis e papel.

A cada encontro as pesquisadoras propunham um tema para que os participantes realizassem a pintura. Os temas foram (exceto sétimo e décimo que não houve pintura):

1. Como você se sente hoje?
2. Qual o seu maior sonho?
3. O que te faz feliz?
4. O que te faz sentir medo?
5. O que você espera do futuro?
6. Quais são suas qualidades?
7. (Sem momento da pintura)
8. Do que você sente falta?
9. O que significou estes encontros para você?
10. (Sem momento de pintura)

No sétimo encontro não foi realizada a atividade expressiva de pintura pois as pesquisadoras sentiram a necessidade de realizar uma aula de dança com professor do sexo masculino, pois os meninos encontravam-se desmotivados por considerarem que “dança é só para meninas”. No entanto, apesar de todos terem gostado da atividade, sentiram falta da pintura. No décimo encontro, não houve pintura porque foi realizado a apresentação das coreografias em um evento na Universidade Federal de Sergipe (UFS). Utilizou-se de recursos audiovisuais para registrar os encontros, as danças eram filmadas, para perceber melhor como se deu a dinâmica dos participantes naquele dia e no momento da pintura utilizou as gravações de áudio para auxiliar na transcrição das falas dos sujeitos. Ao final de cada encontro as pesquisadoras relatavam suas impressões do grupo através de relatório e transcrições das falas.

3 ANÁLISE DE DADOS

A coleta da história de vida dos sujeitos foi realizada por meio de uma conversa com a coordenadora. Foram utilizados nomes fictícios para a preservação da identidade e dos direitos dos adolescentes.

- ALLAN, 15 anos, está há 6 anos na instituição e sofreu negligência por parte da mãe. Seu pai é falecido e passou pelo processo de reinserção familiar, no entanto, não foi bem-sucedida, aguarda determinação judicial.
- BRUNO, 16 anos, está há 6 anos na instituição, também sofreu negligência por parte da mãe e seu pai é falecido. Houve tentativas de reinserção familiar, entretanto não foram bem-sucedidas.
- LEANDRO, 13 anos, está a 6 anos na instituição e também está no abrigo por ter sofrido negligência por parte da mãe. Seu pai é falecido e também passou pelo processo

de reinserção familiar, entretanto não foi bem-sucedida. Aguarda determinação judicial. Leandro, Allan e Bruno são irmãos.

- CARLA, 14 anos, possui um filho de 6 meses, residia com a irmã que a denunciou ao Conselho Tutelar por maus-tratos ao filho. Inicialmente, o filho foi levado para o abrigo, alguns dias depois, ela foi levada como medida preventiva. Eles permaneceram no abrigo pelo período de 4 meses e hoje já estão de volta ao ambiente familiar.
- RUTE, 18 anos, chegou ao abrigo quando tinha 12 anos por ter sofrido negligência por parte da mãe. Permaneceu no abrigo até sua maioridade pois sua mãe abriu mão de sua guarda e nenhum parente próximo poderia assumir a responsabilidade.
- ELIANE, 17 anos, chegou ao abrigo a aproximadamente 2 anos. Sua guarda pertencia a sua mãe adotiva. Passou por alguns problemas em sua relação com a mãe, por isso foi levada ao abrigo e hoje está passando pelo processo de reinserção familiar indo aos finais de semana para a casa de sua mãe adotiva.

3.1 PRIMEIRO ENCONTRO: “VIVER E NÃO TER A VERGONHA DE SER FELIZ, CANTAR E CANTAR A BELEZA DE SER UM ETERNO APRENDIZ...” – COMO VOCÊ SE SENTE HOJE?

Neste primeiro momento foram colocados os objetivos da pesquisa e estabelecido um contrato terapêutico. Em seguida, realizou-se um alongamento e a “Dinâmica do Espelho”, em que um participante fica de frente para outro, um deles dança e o outro reproduz o mesmo movimento. Ao término da dinâmica, iniciou-se o ensaio da coreografia da música “Aquarela- Toquinho”, escolhida pelos próprios participantes dentre as opções oferecidas. Finalizando este momento com um relaxamento corporal. Os participantes apresentavam-se inicialmente tímidos, mas ao decorrer do encontro se dispersaram e precisaram de incentivo para continuar a atividade, entretanto, colaboraram na montagem da coreografia.

Figura 1: Pintura referente ao primeiro encontro.



Fonte: Dados da pesquisa, 2020

Ao iniciar um diálogo mais próximo percebia-se a necessidade de atenção de alguns participantes, e em outros a dificuldade de interagir com pessoas novas, bem como de expor opiniões e pensamentos, não aprofundando no sentido do tema para não trazer seus sentimentos internos, resultando na maior parte do tempo em falas curtas. A maioria retratou estar feliz naquele momento e antes dele:

“[...] aqui é minha casa no campo [...] essa é outra casa que eu quero ter quando crescer. Hoje foi bom” (Allan)

“[...] eu achei bom que eu me diverti com a dança. Antes eu estava feliz também, mas conseguimos se relacionar melhor...” (Carla). “[...] eu estou feliz porque a gente se divertiu e interagiu...” (Rute)

3.2 SEGUNDO ENCONTRO: “SONHAR MAIS UM SONHO IMPOSSÍVEL, LUTAR QUANDO É FÁCIL CEDER, VENCER O INIMIGO INVENCÍVEL, NEGAR QUANDO A REGRA É VENDER” – *QUAL O SEU MAIOR SONHO?*

Foi realizado aquecimento, dinâmica, ensaio da coreografia e relaxamento corporal. A dinâmica do dia teve como objetivo principal diminuir a timidez dos participantes. Eles teriam que tocar apenas duas partes do corpo no chão fazendo posições engraçadas. Os do sexo masculino apresentaram-se eufóricos e a todo momento buscavam atenção do grupo.

Figura 2: Pintura referente ao segundo encontro



Fonte: Dados da pesquisa, 2020.

Três acontecimentos foram relevantes neste encontro. Eliane foi caçoada em alguns momentos e os pesquisadores precisaram intervir, também, durante pintura várias vezes ela apresentou um discurso negativo sobre si. O segundo foi, o comportamento de Rute, ela aparentava estar preocupada durante todo o grupo e muitas vezes dispersa. Após o encontro uma funcionária relatou que ela estava se preparando para deixar o abrigo, pois em breve completaria 18 anos, e não teria onde morar. Rute representou em sua fala, o que deseja para o seu futuro, algo que parece consolidado em sua cabeça, que já são

mais que sonhos, são metas. Já Carla, colocou um sonho que segundo ela, nunca havia revelado e que surpreendeu a todos, pois a mesma dificilmente fala de si mesma, permanecendo a maior parte do tempo calada, não colocando suas vontades.

“[...] trabalhar, terminar meus estudos, ser aprovada no ENEM, ter minha casa própria, estabilidade financeira e aí vai. [...] eu estou em dúvida entre psicologia e enfermagem...” (Rute).

“[...] eu quero ser cozinheira. [...] eu gosto de fazer lasanha. [...] eu não sei fazer doce não...” (Carla).

“[...] meu sonho é ser jogador e ter um campo...” (Bruno). “[...] eu tenho o sonho de ser socorrista e bailarina...” (Eliane).

3.3 TERCEIRO ENCONTRO: “FELICIDADE É SÓ QUESTÃO DE SER” – *O QUE TE FAZ FELIZ?*

Figura 3: Pintura referente ao terceiro encontro.



Fonte: Dados da pesquisa, 2020

Foi feito novamente todo processo de preparação, ensaio, relaxamento e dinâmica de dança livre, onde eles dançaram de forma espontânea uma música lenta. Alguns participantes apresentaram-se pouco tímidos, principalmente no momento da dinâmica, e outros buscaram chamar atenção do grupo. Rute demonstrou muita timidez e aparentava ainda estar preocupada, interagiu pouco permanecendo em silêncio a maior parte do encontro.

Bruno apresentou-se eufórico conversando durante a atividade e sobre o que o fazia feliz. Neste encontro Allan aprofundou-se melhor no que buscou descrever em sua pintura, falando de forma aberta sem medo de demonstrar afeto por algumas pessoas que, segundo ele, o fazem feliz. Ambos evoluíram com relação a expressão dos sentimentos já que sempre tiveram um comportamento disperso, tentando não trazer muito o que realmente sentiam.

“[...] aqui é uma bola de futebol, que eu gosto também de jogar, né? Eu sou zagueiro, eu só posso fazer gol de pé ou de cabeça. E eu só gosto de participar, entrar como titular...” (Bruno).

“[...] aqui é minha alegria, mas minha alegria não é só isso. Tem minha família, tem meus amigos de lá do colégio [...] Minha família é “eles daí” e minha mãe...” (Allan).

“[...] eu coloquei que eu gosto muito de dançar. [...] eu aprendo coisas novas com vocês, me sentindo melhor...” (Carla).

3.4 QUARTO ENCONTRO: “EI MEDO...EU NÃO TE ESCUTO MAIS, VOCÊ NÃO ME LEVA A NADA ” –O QUE TE FAZ SENTIR MEDO?

Figura 4: Pintura referente ao quarto encontro



Fonte: Dados da pesquisa, 2020.

Foi realizado a mesma dinâmica do terceiro encontro e o mesmo processo na dança. O objetivo desta temática era que fosse colocado seus medos que possivelmente poderiam estar interferindo na sua expressão e autoestima. Eles tiveram menos dificuldade de realizar gestos durante a música, o que indica que a timidez estava diminuindo durante os encontros.

Durante a atividade da pintura houve temores como: não conseguir ser independente, medo de animais, do escuro, da morte, de perder a família, da violência e de ladrões, ou seja, medos reais e medos abstratos que podem estar associados a institucionalização, que vem acompanhados de vários sentimentos inerentes ao processo de separação da família.

“[...] eu tenho medo de perder meu filho e minha mãe. [...] eu tenho medo de amar e de sofrer...” (Carla).

“[...] eu tenho medo da morte, de perder minha família e de cobra...” (Allan).

“[...] eu tenho medo de não viver a vida normal como todo mundo. De perder uma perna e não conseguir fazer as coisas que eu gosto de fazer...” (Leandro).

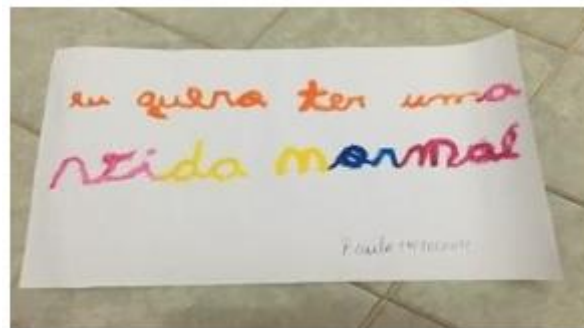
“[...] eu tenho medo de violência e de ladrão...” (Eliane).

“[...] eu tenho medo de escuridão [...] quando eu sonho com coisas ruins eu fico procurando assim... no escuro. Aí eu chego e fico escondidinho me tremendo de medo.” (Bruno)

3.5 QUINTO ENCONTRO: “AMANHÃ VAI SER MELHOR QUE HOJE! NOVOS SONHOS AO AMANHECER” – O QUE VOCÊ ESPERA DO FUTURO?

Neste encontro inseriu mais uma coreografia para a apresentação. A música utilizada foi a “All Star- Smash Mouth“, escolhida pelos participantes. Realizou a “Dinâmica do Boneco” na qual um participante fica de frente para o outro, um deles é o boneco e o outro pode movimentar seus membros colocando de pé, sentado, entre outros. Os adolescentes demonstraram resistência ao toque, sentindo-se muitas vezes envergonhados.

Figura 5: Pintura referente ao quinto encontro



Fonte: Dados da pesquisa, 2020.

O objetivo da pintura era que demonstrassem suas esperanças e seus medos com relação ao futuro e quais planos tinham para ele. Todos desmontaram o desejo de construir uma família, uma vida profissional e ter bens materiais. Foi ratificado a importância do estudo para a realização desses objetivos. Rute traz, novamente, as metas/sonhos pintadas no segundo encontro. Significa que, estes objetivos são muito importantes para ela. Em sua fala é possível perceber que este planejamento rege sua vida e suas atitudes. Carla faz o desenho, mas prefere não falar sobre, no entanto escreve que gostaria de ter um trabalho e construir sua casa. Leandro traz o desejo de construir um futuro sólido, o que ele demonstra ser importante e necessário em sua vida, pois busca por segurança.

“[...] eu quero ter uma vida normal. Ter uma casinha, [...] ter uma família, ter um carro, ter um filho, tudo planejado, para eu ficar tranquilo e seguro...” (Leandro).

“[...] eu fiz uma escada [...] porque tudo que a gente “tá” fazendo hoje, ou seja, estudando ou outras coisas a gente tá fazendo isso porque a gente tem metas e objetivos, então eu coloquei esses “degrauzinhos” representando todas as minhas metas e objetivos e onde eu quero chegar. [...] Estabilidade financeira, entrar na faculdade, trabalhar, ter um filho, construir aos poucos, eu acho que o que a gente “tá” plantando hoje a gente colhe...” (Rute).

“[...] estudar, dá uma casa pra minha mãe, morar perto da praia...” (Eliane).

“[...] ter uma casa, um carro, uma mulher, três filhos ou dois...” (Allan).

3.6 SEXTO ENCONTRO: “SEI QUE MINHAS QUALIDADES COBREM MEUS DEFEITOS” – QUAIS SÃO SUAS QUALIDADES?

Figura 6: Pintura referente ao sexto encontro



Fonte: Dados da pesquisa, 2020.

Nesse encontro, o objetivo da pintura era que os participantes identificassem e refletissem sobre suas qualidades. Eles colocaram de forma objetiva e superficial qualidades como ser otimista, bondoso, bom no futebol, ter amor aos amigos e esperança. Leandro inicialmente disse que não tinha qualidades, então os pesquisadores ajudaram-no a refletir e encontrar elas, ele conseguiu trazer que nunca desisti das coisas, como no futebol, mesmo errando não desisti de fazer gol, portanto sua qualidade era “não desistir nunca de nada”, ele ficou muito feliz em descobrir que tinha essa qualidade.

“[...] minha qualidade é não desistir nunca de nada...” (Leandro). “[...] minha qualidade é ajudar e ser solidária...” (Eliane).

“[...] ter amor com os amigos e jogar bola...” (Allan).

“[...] a minha é ajudar as pessoas e ser bondosa...” (Carla).

“[...] minha qualidade é ser otimista. [...] às vezes eu sou. Mas sempre tento ser...” (Rute).

“[...] minhas qualidades “é” ser bondoso e ter amor e esperança...” (Bruno).

3.7 SÉTIMO ENCONTRO: “DANÇA É SÓ PARA MENINAS!” – ENCONTRO COM UM PROFESSOR.

Neste dia não houve pintura, pois houve a necessidade de um encontro com professor de dança do sexo masculino. Os meninos estavam eufóricos e foram muito participativos. Inicialmente, Carla participou da aula, mas sentiu-se inibida com a presença do professor e em determinado momento desistiu de continuar dançando.

As falas dos meninos chamaram a atenção das pesquisadoras. Eles trouxeram um discurso sobre masculinidade relacionado a dança de forma positiva. Isto aconteceu pela

primeira vez. Sempre se queixavam das roupas e das sapatilhas, relacionando a dança a algo só para mulheres. Este momento influenciou positivamente os encontros seguintes pois criou uma maior aceitação do figurino e conseqüentemente dos ensaios.

“[...] esse professor dança bem. Eu gostei! [...], mas porque ele usa sapato e a gente usa sapatilha de ballet? (Bruno).
“ Ele é homem de verdade, todo musculoso...” (Leandro).

3.8 OITAVO ENCONTRO: “TENHO RAZÃO DE SENTIR SAUDADE” – DO QUE VOCÊ SENTE FALTA?

No momento da dança Bruno apresentou-se inquieto e demonstrou dificuldade em se concentrar, interferindo na concentração dos demais. Os participantes foram incentivados a irem até a frente de todos para dançar (como um professor de dança), servindo de referência para demais. Esta estratégia foi usada para estimular maior concentração durante o ensaio. A pintura teve como objetivo expressar de que ou quem os participantes sentiam falta. Alguns desmontaram sentir saudade de funcionários do abrigo, da família e de jogar bola.

Figura 7: Pintura referente ao oitavo encontro



Fonte: Dados da pesquisa, 2020.

“[...] eu sinto falta de ir “pra” escola e estudar [...] eu parei de ir quando tive o meu filho, pois agora só posso pensar nele...” (Carla). “[...] eu sinto falta da minha família. [...] da minha mãe, dos meus irmãos mas sinto mais falta ”é” do meu pai que já morreu...” (Allan).

3.9 NONO ENCONTRO: “CADA UM SENTE E DEMONSTRA DE UM JEITO...” – O QUE SIGNIFICOU ESTES ENCONTROS PARA VOCÊ?

Figura 7: Pintura referente ao nono encontro



Fonte: Dados da pesquisa, 2020.

A temática do desenho neste dia era identificar os benefícios e as mudanças ocasionados pelos encontros. Elas demonstraram sentimentos como alegria e emoção, mas tristeza por estar terminando. Leandro relatou que no início dos encontros sentia tristeza porque para participar precisava faltar aos treinos na escolinha de futebol, mas que depois não tinha problema, pois gostava muito de estar ali. Rute relatou que os encontros lhe trouxeram mudanças no seu comportamento como: se sentia mais confiante e menos tímida, conseguindo falar de seus sentimentos. Allan comentou que a dança o deixou com uma melhor coordenação e que aprendeu a respeitar os limites dos colegas.

“[...] no início eu não gostava não, sentia tristeza porque tinha que faltar a escolinha. Mas depois eu gostei, foi legal, pois gosto muito de ficar com vocês...” (Leandro).

“[...] eu senti alegria desde o início. Eu era tímida e agora “tô” melhor. A palavra que descreve mesmo é gratidão. E agora que “tá” acabando vai deixar saudade...” (Rute).

“[...] eu senti alegria e amor. A dança é ótima, maravilhosa. (...) aprendi a ter mais respeito e meu corpo ficou mais mole (risos). Eu não tive vergonha de dançar...” (Allan).

“[...] eu senti muita alegria e emoção na dança. Deixei até o corpo mais molinho...” (Carla).

3.10 DÉCIMO ENCONTRO: “CADA UM SENTE E DEMONSTRA DE UM JEITO...” – O QUE SIGNIFICOU ESTES ENCONTROS PARA VOCÊ?

No último dia aconteceu a apresentação das duas coreografias ensaiadas anteriormente na UFS– Campus Lagarto, no mesmo município onde o abrigo está

localizado, o evento foi organizado pelo Departamento do curso de Terapia Ocupacional – II Simpósio Sergipano de Terapia Ocupacional.

O objetivo da apresentação era proporcionar a experimentação do sentimento de autoconfiança e de valorização, que podem contribuir para a melhora da autoestima e da expressão. Ao entrarem no local os participantes ficaram retraídos e envergonhados, devido a quantidade de pessoas que ali se encontravam. Entretanto, todos saíram dos carros um pouco tímidas, mas confiantes. Ao iniciar a dança, demonstravam segurança e felicidade. Todos relataram estarem felizes pelo resultado e demonstraram anseio de continuar a dançar. Estas sensações e desejos foram maior observados nas falas:

“[...] hoje eu realizei meu sonho! Quando a gente vai dançar de novo? [...]” (Carla).

“[...] foi muito legal hoje! Vai ter mais dança? Vocês vão voltar né?! Me senti muito bem, como se realmente eu fosse um artista, um profissional. Tô muito feliz[...]” (Leandro).

“[...] Professora! Professora! Foi muita “massa”! Todo mundo bateu palma para a gente!” [...]” (Bruno)

“Eu fiquei com tanta vergonha que não consegui nem sorrir! (Risos) “Mais” foi muito bom. Estou me sentindo com o dever cumprido! [...]” (Rute)

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A pintura e a dança foram importantes recursos, pois nem sempre é possível identificar e refletir sobre os acontecimentos dos encontros somente por meio de um deles, ambos perpassaram entre si, como um conjunto de características individuais. Segundo Valladares et al. (2003) todos podem e devem expressar seus conflitos internos por meio das atividades expressivas, indiferente de qual atividade vai utilizar.

Castro (2006) traz que através da dança e dos movimentos que realiza, o sujeito expressa algo de si. A dança tem a possibilidade de expor anseios, pensamentos e sensações. Isto ficou nítido nas falas de Carla durante os encontros quando relatou seu desejo de ser cozinheira, seu medo de amar e a saudade que sente de estudar.

No segundo encontro é possível observar nas falas dos participantes, que apesar de todas as dificuldades enfrentadas no passado e até hoje, todos os adolescentes continuam com seus sonhos vivos. Sonhos estes que perpassam pelas ideias infantis e outros como de Rute que são metas necessárias para o que está vivendo no momento. É válido mencionar que na adolescência há confronto entre as fantasias e identificações da infância e as exigências reais, logo é uma fase de transição (ALMEIDA; PINHO, 2008).

Castro (2006) aponta que, através da dança é possível acordar o “movimento expressivo” que se refere ao mundo interior que se transforma em gestos e expressão de ideias, sentimentos, sensações e conteúdos inconscientes. Algo a ser pontuado é que foi possível visualizar este “movimento expressivo” nos momentos da dança e da pintura. A cada encontro os participantes conseguiram expressar melhor seus sentimentos relacionando-os aos temas propostos durante as atividades, relatando de forma mais profunda suas reflexões. Isto foi observado, por exemplo, no comportamento de Rute durante os encontros e por seu relato em que fala que no início era muito tímida e hoje se expressa muito melhor.

No quarto encontro, Carla demonstrou claramente medos profundos relacionadas a perdas e sentimentos não correspondidos. O que isto significa para uma moça, tão jovem que já é mãe? Porque será que ela tem medo de amar? Será que ela recebeu amor? Esse assunto foi discutido entre os participantes e a maioria se identificou com esses sentimentos. Allan trouxe o medo de coisas que estão acima do controle, como a morte. Mas, o medo que mais chamou a atenção foi o de perder a família, dito por Allan. Mas, quando um outro adolescente pergunta a ele: “Quem é a sua família? Antes de qualquer resposta um dos seus irmãos que estava participando da atividade diz “Família, medo de perder a família, mas que família? Eu não tenho família! [...]”. Allan permanece quieto e abaixa a cabeça. Esta fala traz uma reflexão, o quanto o ambiente institucional contribui para a relação familiar?

Barreto (2004, p. 2) traz que “dançar é expressar emoções por meio do corpo”. No 3º e 4º encontros foi proposta a dinâmica da “dança livre”, na qual, foi possível identificar diferenças no comportamento dos adolescentes. No terceiro encontro eles apresentaram-se tímidos, realizavam poucos gestos para se expressar, já no quarto encontro quando se repetiu a dinâmica, o comportamento foi diferente do inicial, participantes utilizaram mais o espaço, realizando mais gestos e passos diferentes, demonstrando-se à vontade durante a atividade.

Liberman (2010, p.71) afirma que “pequenos acontecimentos podem reverberar em outros jeitos de funcionar, viver e apresentar-se frente as pessoas, criando realidades diferentes”, sendo que as frustrações são comuns na dança, às vezes, a execução não sai como esperava ou é necessário a troca de um passo. No sétimo encontro isso aconteceu, onde Allan

ficou frustrado com a mudança dos passos na coreografia, pensando até em desistir. Assim, é necessário enfrentar essas frustrações para continuar a dançar.

No oitavo encontro Carla relata algo muito complexo, que envolve o fato de ter sido mãe durante a adolescência. Sabe-se que a adolescência é uma fase cheia de peculiaridades, atrelada a maternidade e a um contexto de vulnerabilidade, o que se passa na cabeça de Carla? O que acontece com sua expressão e autoestima? Ela relata a maternidade em várias das suas pinturas e este fator parece impedi-la de realizar vários desejos seus, pois acredita que só pode pensar em seu filho e não mais nela. Allan coloca a falta que sente da família e mais uma vez, um dos irmãos se pronuncia dizendo que se sente sozinho e que sente que não tem irmãos. E quando as pesquisadoras se referenciaram aos outros irmãos como pessoas com quem ele pode contar, ele colocou que: “estes são só amigos [...] bom é apenas Deus”. O vínculo destes irmãos foi fragilizado. Como? Porque? Esta fala traz mais reflexões sobre a relação familiar dentro de um ambiente que não é tão familiar para eles.

Nos primeiros encontros era nítida a timidez principalmente nas meninas, elas permaneciam caladas e quando eram colocadas a frente para dançar, sentiam-se inibidas. Ao longo do tempo, e a partir de incentivos elas conseguiram uma maior participação, colaborando na montagem da coreografia e colocando suas opiniões. Nos meninos a evolução foi mais lenta já que o comportamento apresentado era a busca de atenção das pessoas presentes. Ao passar dos encontros percebeu-se uma diminuição desse comportamento, tendo uma mudança para a preocupação de aprender os passos e a coreografia e utilizar o momento do desenho para realmente conseguir falar de si.

Segundo Robatto (1994), a dança apresenta seis funções principais como auto expressão, comunicabilidade, divertimento e prazer, caracterização cultural, revitalização social e a espiritualidade. Tem também forte poder motivador quer seja praticada sozinho ou em par, seja idoso, adulto ou criança, seja homem ou mulher. É uma atividade praticada para toda a vida e que consegue melhorar e/ou aprimorar as interações sociais.

Segundo o relato dos participantes houve um aumento na autoestima, na expressão e na melhora comportamento entre eles, entretanto, cada um foi tocado e modificado por estes encontros de forma singular, demonstrando sonhos, medos e expectativas de forma diferentes um do outro. Liberman (2010) discute isto em uma de suas experiências, dizendo que ao incentivar os participantes a falarem de suas sensações e impressões é

possível perceber os quão singulares são. Pois, as respostas são muito diferentes mesmo falando de um mesmo fator, pois isto tem a ver como este momento afetou a cada um deles e como cada um experimentou este momento.

5 CONCLUSÃO

É válido ressaltar o quanto é importante a inserção do terapeuta ocupacional nas instituições para crianças e adolescentes, já que este profissional está apto a levantar demandas e intervir de forma eficaz, pois devido a sua formação consegue perceber o sujeito como ser biopsicossocial. É necessário dizer que a dança pode ser um recurso utilizado nos atendimentos da terapia ocupacional, já que é uma ferramenta potencializada da expressão e promotora de habilidades internas do sujeito, o que possibilita a experimentação de novas sensações e vivências. A pintura também foi um recurso de extrema importância durante os encontros, já que ela possibilitou aos participantes externalizar o que foi vivenciado na dança e a maioria deles relata do extrema de ter este momento durante cada encontro.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, M. E. G. G.; PINHO, L. V. Adolescência, família e escolhas: implicações na orientação profissional. *Psicologia Clínica*, v. 20, n. 2, Rio de Janeiro, 2008.
- BARRETO, D. Dança...: ensino, sentidos e possibilidades na escola - Campinas, SP: Autores Associados, 2004.
- BRITO, A. M. M.; ZANETTA, D. M. T.; MENDONÇA, R. DE C. V.; BARISON, S. Z.
- ANDRADE, V. A. G. Violência doméstica contra crianças e adolescentes: estudo de um programa de intervenção. *Ciência e saúde coletiva*, v.10, n.1, p.143-149, 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/csc/v10n1/a15v10n1.pdf>. Acesso em: 15 de maio 2017.
- CASTRO, E. Dança, Corporeidade e Saúde Mental: Experimentações em Terapia Ocupacional. Em Arcuri, I. (org.), *Arteterapia de Corpo e Alma*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006
- CAVALCANTE, L. I. C. ; MAGALHÃES, C. M. C. ; PONTES, F. A. R. Institucionalização precoce e prolongada de crianças: discutindo aspectos decisivos para o desenvolvimento. *Aletheia*, n.25, p.20-34, jan./jun. 2007.
- CAVALCANTE, L. I. C.; MAGALHÃES, C. M. C.; REIS, D. C. dos. Análise Comparativa do Perfil de Crianças em Acompanhamento Institucional nos anos de 2004 e 2009. *Pscico*.v.45, n.1, pp 90-99, Jan/Mar. 2014.
- FERREIRA, Frederico Poley Martins. Crianças e adolescentes em abrigos: uma regionalização para Minas Gerais. *Serv. Soc. Soc.* [online]. 2014, n.117, pp.142-168. ISSN 0101-6628. <http://dx.doi.org/10.1590/S0101-66282014000100009>.
- GALHEIGO; Sandra Maria. O Abrigo para Crianças e Adolescentes: Considerações Acerca do Papel da terapia Ocupacional. *Ver. Ter. Ocup. Uni-SP*. v. 14, n. 12, p.85-94. Mai./Ago. 2003.
- LIBERATO; M. T. C.; DIMENSTEIN, M. Experimentações entre Dança e Saúde Mental. *Fractal: Revista de Psicologia*, v. 21 – n. 1, p. 163-176, Jan/Abr. 2009.
- LIBERMAN, F. Danças em Terapia Ocupacional, São Paulo: Summus, 1998.
- LIBERMAN, F. Delicadas Coreografias: Apontamentos sobre o corpo e Procedimentos em uma Terapia Ocupacional. *Cadernos de Terapia Ocupacional da UFSCar*, São Carlos. V. 18, n 1; p 67-76. Jan-Abr 2010.
- LUVIZARO, N. A; GALHEIGO, S. M. Considerações sobre o cotidiano e o habitar de crianças e adolescentes em situação de acolhimento institucional em abrigo. *Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo*, v.22, n.2, p.191-199, maio/ago.2011.

MARQUES, I. A. Dançando na escola. São Paulo. Cortez, 2003.

MINAYO, M. C. S. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. São Paulo: Hucitec/ABRASCO, 1992.

MOEHLECKE, V. O dançar do corpo: experimentações rebeldes no contemporâneo. Dissertação (Mestrado) Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005

NEGRINE, A. O corpo na educação infantil. Caxias do Sul: EDUCS, 2002.

NOAL, J; NEIVA-SILVA, L. Adoção, adoção tardia e apadrinhamento afetivo: intervenções em relação a crianças e adolescentes vítimas de abandono e institucionalizadas. In: HUTZ, C.S. (Org.). Prevenção e intervenção em situações de risco e vulnerabilidade. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007.

ROBATTO, L. Dança em processo: a linguagem do indizível. 1ª Edição. Ed. Salvador: Centro Editorial e Didático da UFBA; 1994.

SAAD, B; VILLARREAL, G. Caracterização do problema do menor abandonado. In: FREIRE, F. (Org.). Abandono e adoção: contribuições para uma cultura da adoção. Curitiba: Terre des Hommes, 1991, p. 34-36.

VALLADARES, A. C. A.; LAPPANN-BOTTI, N. C.; MELLO, R.; KANTORSKI, L. P.; SCATENA, M. C. M. Reabilitação psicossocial através das oficinas terapêuticas e/ou cooperativas sociais. Revista Eletrônica de Enfermagem, v. 5 n. 1 p. 04 – 09, 2003. Disponível em <http://www.fen.ufg.br/Revista>.

YUNES, M. A., MIRANDA, A. T., CUELLO, S. S.; ADORNO, R. S. A história das instituições de abrigo às crianças e concepções de desenvolvimento infantil [Resumo]. In: Sociedade Brasileira de Psicologia (Ed.), Resumos de comunicações científicas, XXXII Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia (pp.213-214). Florianópolis: SBP, 2000.